

O PÃO DO VIZINHO ...

1. Uma coisa me impressiona: o reduzido apreço que às vezes manifestamos pelas pessoas que vivem connosco.

O pão do vizinho é sempre o melhor, afirma um ditado popular. E porque assim se pensa nem sempre se aprecia devidamente o que é nosso, nem sempre se valoriza o que é nosso, nem sempre se promove o que é nosso, nem sempre se dão oportunidades aos nossos.

Há uma festa e é preciso quem a anime? Contrata-se um cançonetista de fora, cujo preço (diz-se cachet) se não discute.

Há um casamento, e pretende-se animar coralmente a Eucaristia? Vai-se buscar um coro a quilómetros de distância, com os inevitáveis custos que isso traz.

Quer-se adornar a igreja para a celebração festiva? Contratam-se os trabalhos de uma florista de fora.

É preciso fazer uma sessão de formação? Vai-se buscar um formador de longe, com todos os gastos que isso acarreta.

Porque não valorizamos o que é nosso, não damos oportunidades aos nossos, não estimulamos os nossos?

2. Há nas paróquias grupos corais (uns melhores que os outros, é evidente) que todos os fins-de-semana, desinteressadamente, animam as celebrações. Porque é que em vez de se ir buscar um coro de fora se não confia esse trabalho à gente da casa? Não será uma forma de reconhecer o seu esforço e de a estimular?

Há zeladoras que, não sendo floristas profissionais, adornam, semanalmente, a igreja com muito bom gosto. Porque é que se não recorre aos seus préstimos quando se trata de preparar a igreja para a celebração do casamento?

Há uma festa popular. Existe na localidade um rancho folclórico. Existem bons cantores, bons concertinistas, bons flautistas, bons apresentadores, bons contadores de anedotas. Porque se não há-de levar ao palco gente da terra, que até se sente estimulada, com isso, a trabalhar cada vez melhor? E que dizer de oradores e conferencistas que se vão buscar longe, não dando a oportunidade a que os da casa possam mostrar do que são capazes?

3. Também aqui se está a viver mais da importação do que dos produtos da terra. Pomos de lado os nossos valores e as nossas capacidades. Não damos às pessoas a oportunidade de revelarem o que valem. Não as apoiamos. Não as estimulamos. Não as apreciamos. E é pena.

Não deixaria de ser interessante que os responsáveis locais procurassem fazer o inventário do que têm dentro de portas. E o que se paga por um espectáculo poderia ser utilizado para gratificar pessoas da terra, que na generalidade cobram muito menos ou nem sequer apresentam a conta.

É bom que ponhamos de lado a mania das grandezas e abandonemos o preconceito de que só o que vem de fora é que tem valor.

Estou a lembrar-me de um modesto carpinteiro, analfabeto, que enaltecia as virtualidades de um serrote, porque era coisa estrangeira. Mal ele sabia que na folha daquele instrumento de trabalho se lia *made in Portugal*.

Não acontecerá de andarmos a comprar, como produto importado de alta qualidade, peças confeccionadas por nós que foram em passeio lá fora só para lhes colarem a etiqueta?

4. Mais duas observações:

Já viram a invasão de música estrangeira, pondo de lado o muito de bom que entre nós se produz?

Já reparam na inundação de termos estrangeiros, sobretudo ingleses, com que se denominam determinados objetos e atividades? Não há na nossa língua termos adequados? O nosso idioma não é uma língua viva? Nos meus tempos de estudante alertavam-nos para o uso dos estrangeirismos. Hoje, quem os não usa manifesta ignorância!

5. O que se denomina prata da casa, muitas vezes de prata só tem o nome. Vale muito mais. Mas, mesmo que seja modesto, vistas bem as coisas e pesadas todas as circunstâncias, poderá ultrapassar o bom ouro.